AS ESTRUTURAS COM O VERBO-SUPORTE DAR + SN NUMA VISÃO DISCURSIVA

Alzira da P. Costa Davel (Mestre em Estudos Linguísticos, UFES)

alzira5907@yahoo.com.br

RESUMO: Objetiva-se, neste artigo, analisar algumas estruturas com o verbo-suporte do tipo *DAR+SN* e *Dar+uma X-ada*, que ocorrem em construções orais e escritas usadas com frequência em contextos interacionais do português brasileiro. Para tanto, serão utilizados os pressupostos da Teoria Funcionalista, segundo os conceitos de Talmy Givón (1995), sob os princípios da iconicidade e da marcação. Verificar-se-á a possibilidade de relativização da marcação, considerando a multifuncionalidade dos itens linguísticos e o caráter de fluidez das categorias linguísticas, prevendo-se que não é possível uma visão estanque da marcação, como vem sendo preconizada por alguns pesquisadores e/ou autores. Serão observados os fatores que podem determinar a marcação dos artigos, das perífrases e dos complementos locativos, verificando-se também, os aspectos semânticos que veiculam sentido denotativo e conotativo, em conformidade com a natureza desses complementos e do contexto interativo. As estruturas em questão são extraídas de fragmentos de textos da *Internet* (de bate-papos, de diálogos, de propagandas, dentre outros).

Palavras-chave: verbo-suporte, funcionalismo, iconicidade, marcação.

1. Introdução

Nas últimas décadas, a Linguística vem ampliando o seu escopo de atuação, e várias correntes teóricas - ligadas além dos Estudos Estruturalistas, ao Funcionalismo, à Pragmática e a algumas vertentes de Análise do Discurso - têm defendido uma perspectiva textual-discursiva no tratamento de categorias da gramática.

Em uma perspectiva discursiva de análise, admite-se que a língua deve ser descrita a partir do uso que os sujeitos fazem dela, ou seja, que toda a gramática resulta de um funcionamento enunciativo/discursivo que é possível ao analista evidenciar. Tal perspectiva supõe uma articulação entre língua e fala, ou seja, entre as categorias abstratas do sistema e o uso individual que dele faz o falante.

É nesse redimensionamento analítico que se insere a presente discussão sobre as estruturas com verbo-suporte *DAR+SN* e *Dar+uma X-ada*, no que se refere à motivação de uso. Num quadro discursivo mais amplo, é possível mostrar que o modo de uso dessas estruturas nos enunciados não é determinado pela aplicação de regras “puramente sintáticas”, mas, sobretudo, pelo contexto. Nesse sentido, observa-se que o verbo *dar* não faz parte apenas da categoria de verbo pleno como preconiza a maioria dos dicionários e gramáticas da língua portuguesa, pois dependendo do seu comportamento, estão envolvidas noções sintáticas, semânticas e discursivas, podendo vir a pertencer a novas categorias resultantes de diferentes opções interativas no processo comunicativo.

2. Postulados Teóricos

Neste estudo serão utilizados os pressupostos teóricos da Linguística Funcional, de acordo com as concepções de Givón (1995) para quem as relações gramaticais não formam categorias discretas, sendo, antes, caracterizadas por indeterminação e por

gradação. A concepção givoniana apresenta-se como parâmetro para o estudo das estruturas com verbos-suporte, já que, segundo sua hipótese, os usos são responsáveis pela estruturação do sistema linguístico.

Em outros termos, o autor baseia-se no postulado da não autonomia do sistema linguístico, numa concepção de estruturação interna da gramática como instância de unificação da sintaxe, da semântica e da pragmática, destacando a sintaxe como codificação dos domínios funcionais (a semântica, proposicional; a pragmática, discursiva) e no exame dos aspectos de iconicidade da gramática. Em certo sentido, as propriedades que se apresentam como universais são variáveis tanto no interior de uma língua como entre línguas. Ao ressaltar a função não autônoma, dependente da língua, o autor afirma que a gramática não pode ser entendida sem referência a parâmetros, como processos cognitivos e comunicativos, processamento mental, interação social e cultural, mudança e variação, aquisição e evolução.

Essa abordagem parte do pressuposto de que a estrutura da língua se explica, pelo menos em parte, em termos do uso que os falantes fazem dela. A gramática das línguas sofre restrições impostas pelos objetivos interacionais dos interlocutores e está em constante adaptação às necessidades comunicativas.

Desse modo, o falante escolhe, muitas vezes, as estruturas com verbos-suporte em detrimento aos verbos plenos, por serem as mais adequadas para traduzir maiores efeitos comunicativos, pois se ambientalizam em diferentes situações de uso, favorecendo significados especiais aos enunciados tanto na oralidade como na escrita, sobretudo, na linguagem cotidiana (NEVES, 1999a).

Os postulados da Teoria Lexical de Basílio dialogam com os do funcionalismo no sentido de que o léxico do português é constituído de diversos tipos de estruturas e “quase sempre não nos damos conta de que essas unidades não estavam disponíveis para o uso e foram formadas por nós mesmos, exatamente no momento em que a necessidade apareceu” (BASÍLIO, 2002, p. 6). Assim, o léxico é o local de interface sociocultural para atender às necessidades comunicativas do falante. Nas palavras da autora,

as línguas existem para que possamos falar uns com os outros. O objeto da nossa comunicação é o mundo, mais precisamente nosso mundo: coisas, pessoas, lugares, ideias e suas relações etc., sejam essas naturais ou artificiais, concretas ou abstratas, reais ou imaginárias. Naturalmente, é necessário identificar as coisas, que queremos falar e, portanto, designar, pessoas, lugares, acontecimentos, etc. sobre os quais vamos nos expressar. Assim, a língua é ao mesmo tempo um sistema de classificação e um sistema de comunicação (BASÍLIO, 2004, p. 9).

Dito de outro modo, a língua é um processo dinâmico em que o léxico assume duplo papel de informar conceitos e de classificá-los simultaneamente. Como exemplos, as estruturas com verbos-suporte, embora sejam formas analíticas, que não necessariamente representam economia na língua, em termos de número de constituintes, são formas mais receptivas, por proporcionarem maior riqueza na linguagem.

É importante observar que essas estruturas são formas mais expandidas que o falante usa para se expressar e que delas podem ser obtidas paráfrases com formas mais sintéticas, com os verbos plenos da língua, como: *dar um chute/um pulo = chutou, pulou; dar uma enxugada = enxugou, etc.* Na verdade, o uso dessas formas analíticas parece não só favorecer significados especiais aos enunciados, mas também, modalizar o discurso (NEVES, 2001).

Uma das questões da Linguística Funcional (GIVÓN, 1995) é o da iconicidade e o da marcação, procurando mostrar que os fenômenos formais são decorrentes de fatores do contexto. Nesse sentido, investigar os fenômenos formais (morfológico e sintático) como decorrentes do contexto formal, nos termos da semântica e da pragmática é comum nas abordagens funcionalistas. A investigação dos fatos da língua e das suas relações sintagmáticas associa-se à situação comunicativa.

3. A Iconicidade e a Marcação

Tais princípios, retomados numa versão branda da iconicidade, manifestam-se sob três subprincípios, que se relacionam à quantidade de informação, ao grau de integração dos constituintes da expressão e do conteúdo, e à ordenação linear dos segmentos (FURTADO DA CUNHA, *et alii*, 2003), da seguinte forma:

a) de acordo com o *subprincípio da quantidade*, quanto maior for a quantidade de informação, maior a quantidade de forma, de modo que a estrutura de uma construção gramatical indica a estrutura do conceito que ela expressa. Assim, aquilo que é mais simples e esperado expressa-se com o mecanismo morfológico e gramatical menos complexo;

b) o *subprincípio da integração* prevê que os conteúdos que estão mais próximos cognitivamente também estarão mais integrados no nível da codificação. Aquilo que está junto mentalmente coloca-se também sintaticamente junto;

c) o *subprincípio da ordenação linear* relaciona-se à informação mais importante que tende a ocupar o primeiro lugar da cadeia sintática, em que a ordem dos elementos no enunciado revela a sua ordem de importância para o falante.

Conforme o entendimento da autora são três critérios principais para distinção de categorias marcadas de categorias não marcadas:

a) *Frequência de distribuição*: a categoria marcada tende a ser menos frequente, portanto cognitivamente mais saliente do que a correspondente categoria não marcada;

b) *Complexidade estrutural*: a estrutura marcada tende a ser mais complexa do que a correspondente não marcada;

c) *Complexidade cognitiva*: a categoria marcada tende a ser cognitivamente mais complexa, em termos de esforço mental, atenção demandada e tempo de processamento do que a não marcada.

Outro parâmetro em que se fundamenta este estudo é o da correlação entre sistema gramatical e funcionalidade discursiva. As formas lexicais ou gramaticais e as regras que governam a constituição de expressões linguísticas são examinadas em termos de significado que expressam, do propósito para o qual são usadas e do contexto em que ocorrem. Presume-se que os elementos integrantes das perífrases em questão se relacionam à manipulação criativa da língua, acionada por motivações comunicativas distintas.

Para as estruturas com o verbo-suporte *DAR+SN* e *DAR+uma X-ada*, serão utilizados os pressupostos funcionalistas, com base no Princípio da Iconicidade e da Marcação (GIVÓN, 1995). Tais estruturas foram extraídas da *Internet* e estão inseridas na linguagem de menor grau formalidade, apresentando sentido denotativo ou conotativo, a depender do contexto em que ocorrem.

Observem-se os seguintes exemplos:

1) (...) Tenho raiva dessa banda desde o dia em que vi Anfrísio Siqueira *dar um chute na cara da Gilda* quando ela tentava subir no carro em que ele se encontrava. Eu era mais o Bando do Porco, com gente mais civilizada.

2) Para utilizar o espírito esportivo da Copa 2010, a Prefeitura da Cidade utilizou o slogan “Marque um gol! *Dê um chute nas drogas!*”, para a segunda edição da Semana Antidrogas de Curitiba, aberta no dia 21 de Junho no Palácio das Araucárias e finalizada no domingo (27/06) no Parque Barigui. Durante a semana, houve palestras, exposições, oficinas e apresentações teatrais em vários bairros da cidade.

3) Separei algumas cenas de games que nos fazem pular do sofá quando estamos tensos, jogando. Vocês, vendo o vídeos aqui no Youtube, pode não surtir tanto efeito, mas há alguns minutos eu estava com o meu PSP jogando Silent Hill, e levei um baita susto com a cena do primeiro vídeo, e acabei por *dar um pulo na cama*. Divirtam-se.

4) (...) Na segunda ou na terça, arranje um horário para *dar um pulo na Martu*, pois a oportunidade é imperdível. É que a estilista Marta Macedo resolveu fazer um megabazar antes de lançar sua coleção de verão.

5) Vem chegando o Natal e, para quem quer *dar uma engordada no saldo bancário*, essa é a melhor hora. Claro, Natal sempre acaba representando gastos extras, com festas e muitos presentes.

6) Acho que vale muito a pena para conhecer várias novidades nas ferramentas lançadas recentemente (windows, sql server e visual studio 2008) e ainda *dar uma engordada no currículo* sem gastar nada. Só tem um pequeno porém... conteúdo em inglês! (...).

7) Então, vamos *dar uma enxugada no chuveiro*: sete minutos de banho dá e sobra para você ficar brilhando!

8) Desperdício. Em outro momento, advertiu que um de seus planos é reduzir a máquina pública. "Vou *dar uma enxugada no desperdício*. Tem excesso de cargo comissionado". E deu uma explicação a respeito dessas funções: "cargo em comissão significa nomear uma pessoa que não fez concurso e pode não ter nenhuma capacidade para a função. Boa parte é emprego político".

9) Correr é uma excelente forma de queimar calorias, trabalhar o sistema cardio- respiratório e de tonificar e dar forma às pernas e glúteos. A corrida é perfeita não só como um esporte independente, mas também para quem quer uma atividade aeróbica complementar a outros esportes. O preparo na corrida é essencial. Não tenha vergonha de parar *para dar uma respirada*, tomar um fôlego, *dar uma bela descansada e uma esticada*, antes de voltar para o ritmo intenso da corrida.

As estruturas supracitadas serão analisadas, com relação aos constituintes: os artigos, as perífrases (*dar+uma X-ada*) e os complementos locativos:

3.1 Marcação com relação aos artigos

O primeiro entendimento das perífrases indica para os artigos indefinidos *um/uma* apenas a indefinição que é proposta para as palavras *chute, pulo, enxugada, engordada, respirada*. Trata-se de formas não marcadas, pois ocorrem com maior frequência no discurso. Porém, se tais artigos indefinidos forem permutados pelos definidos *o/a* serão formas marcadas, já que são usados com menor frequência, pois seu emprego seria para realçar determinada situação no discurso. Essa permuta é explicitada de modo que:

os sintagmas nominais definidos são designados como descrições definidas, pelo fato de que o referente pode ser identificado não só pela sua designação mas também pela sua descrição, desde que ela possibilite ao ouvinte distingui-lo de outros referentes no universo discursivo (RUSSELL, 1905, *apud* LYONS, 1977, p. 179).

No caso de ausência do artigo, como, por exemplo, em *Dar pulos/chutes*, podem ser consideradas como formas marcadas, uma vez que ocorrem em contextos específicos e com menor frequência, mas também podem ser não marcadas por serem menos complexas estruturalmente. Nesse tipo de estrutura, embora sejam menores, o nome que é pluralizado tem implicação semântica, de efeito de iteratividade, de repetição, trazido pelo aspecto verbal. Isso tende a se refletir na complexidade da expressão, conforme o subprincípio da complexidade cognitiva.

Portanto, a presença de determinantes (artigos indefinidos/ definidos) ou sua ausência, pode influenciar tanto semântica como discursivamente. Os artigos têm

incidência semântica sobre o substantivo para particularizar, individualizar ou generalizar de modo indeterminado ou determinado.

A respeito da dicotomia marcada x não marcada, Givón (1995), tem-se a seguinte afirmação:

A mesma estrutura pode ser marcada num contexto e não marcada em outro [...]. A marcação é assim um fenômeno dependente do contexto, devendo, portanto, ser explicada com base em fatores comunicativos, socioculturais, cognitivos ou biológicos (GIVÓN, 1995, *apud* CUNHA, *et alii*, 2003, p. 34-35).

Assim sendo, as estruturas (dar um chute na cara da Gilda (1); dar um pulo do sofá/ na cama (3); dar uma respirada; dar uma esticada (9)) são consideradas formas não marcadas, por serem usadas com mais frequência e serem cognitivamente menos complexas.

As construções, Dê um chute *nas drogas* (2); dar um pulo *na Martu* (4); dar uma engordada *no saldo bancário/no currículo* (5) e (6); dar uma enxugada *no desperdício* (8) que, nos contextos, apresentam extensão de sentido, são consideradas como formas marcadas linguisticamente. Embora não sejam maiores em termos estruturais, são mais complexas no âmbito cognitivo em termos de esforço mental, usadas com menor frequência e demanda mais tempo de processamento, considerando-se a mutabilidade da sintaxe e as variações do discurso (MARTELOTTA, 2008).

Faz-se importante mencionar aqui a observação de Givón, de que a marcação não deve ser restrita apenas às categorias linguísticas, mas pode estender-se a outros fenômenos, fazendo-se uma distinção entre discurso formal e a conversação espontânea. O discurso formal, por ser mais elaborado e complexo, é mais marcado em relação à

fala informal, que é processada com mais facilidade e rapidez, com retomadas de fragmentos e, em geral, menos planejada.

Esse fato é demonstrado em diversas pesquisas empreendidas para verificação do emprego do verbo pleno e de perífrases verbais com verbo-suporte (NEVES, 1999a, 2001; ESTEVES, 2008; ASSIS, 2009 e outros), observando-se, de acordo com os resultados, que há maior incidência do emprego dos verbos plenos no discurso formal e de estruturas perifrásticas na linguagem informal.

A título de exemplo, o contraste entre o uso do verbo pleno (respirar) e da perífrase com verbo-suporte (dar uma respirada) ilustra a atuação dos critérios de marcação. Nesse ponto, afirmar que algo é cognitivamente mais simples e esperado, portanto, mais frequente na integração verbal, se reflete também na estrutura linguística, apresentando a forma não marcada. As construções perifrásticas, ao contrário, por serem mais complexas em termos cognitivos e até menos esperadas, são também menos frequentes e, estruturalmente maiores, constituindo o caso marcado no discurso formal. Daí, a importância de se relativizar a questão da marcação, pois tais perífrases podem ser consideradas marcadas no discurso formal e não marcadas na informalidade.

Com base nos postulados givonianos, sob um prisma da versão branda da iconicidade, os trabalhos de Furtado da Cunha (1996) sobre a negativa dupla das orações; de Costa (2000) sobre os procedimentos de manifestação do sujeito e de Oliveira (2000) sobre as orações adjetivas, levantaram questões sobre a necessidade de se superar a dicotomia entre marcado x não marcado no sentido de dar importância ao caráter fluido da língua, sendo necessário adotar parâmetros de gradualidade na análise da marcação, ao invés de se considerar as categorias linguísticas em termos discretos e binários.

Adotando os parâmetros da negativa dupla para as estruturas *Dar+uma X-ada*, em análise neste estudo, mostra-se favorável o princípio icônico da quantidade, quando inseridas em contextos diferentes de ocorrência, principalmente, na fala informal, como por exemplo: (i) *Não*, ela *não* vai dar uma enxugada na louça/no texto), ou ainda, (ii) Ela *não* deu uma enxugada na louça/no texto, *não*!

De outra forma, tal princípio mostra-se também pertinente quando certos itens são inseridos e/ou acrescentados na estrutura “dar uma *rápida* enxugada na louça/no texto”, uma vez que tanto a forma como a informação tornam-se maiores. A inserção do adjetivo *rápida* serve de uma estratégia de reforço para suprir a ideia de uma ação de brevidade e superficialidade instauradas pelo aspecto verbal derivado do verbo *dar* e da nominalização em *-ada* que influencia no conteúdo semântico da estrutura. Trata-se, portanto, de uma motivação icônica, pois a imprevisibilidade da informação faz com que ela receba mais codificação.

3.2 Marcação da perífrase (verbo+artigo+nominalização)

Os elementos que compõem as perífrases, *Dar uma enxugada/ dar uma engordada*, por ocorrerem, em geral, na mesma ordem, encontram-se próximas cognitivamente e mais integradas, representando a informação mais importante na cadeia sintática. Trata-se de uma forma marcada, conforme os princípios da integração e da ordenação linear. Entretanto, se a elas fossem acrescentados elementos (adjetivos, pronomes), como, *boa/ outra*, dentre outros, essas estruturas poderiam ser consideradas não marcadas por questões de complexidade estrutural.

Cabe aqui destacar que, tipologicamente, na língua portuguesa, a ordenação sintática é classificada como S V O (sujeito-verbo-objeto), em que a posição do sujeito

anterior a do verbo é tipicamente não marcada (MATEUS, 2003). Contudo, em determinados contextos discursivos, o sujeito é deslocado, posposto ao verbo.

Tendo em vista que a formação das estruturas constantes deste estudo não se restringe aos constituintes SVO, uma vez que são formadas de S V SN CL (sujeito/verbo/sintagma nominal/complemento-locativo), a topicalização pode se apresentar de formas distintas.

Retomando os exemplos supramencionados, “Vou dar uma enxugada no chuveiro/ no desperdício”, os SNs+complemento locativo podem sofrer um deslocamento para a posição anteposta ao verbo, como: “*Uma enxugada no chuveiro/no desperdício, vou dar*”. Também é possível a anteposição somente do complemento locativo: “*No chuveiro/no desperdício, uma enxugada vou dar*”. Construções desse tipo podem ser consideradas mais marcadas, pois de acordo com o subprincípio da integração, os conteúdos não estão integrados no nível da codificação, e, quanto ao critério de distribuição de frequência, a ocorrência de uso é menor.

Importante se faz ressaltar que na configuração morfossintática dessas estruturas, no discurso falado e/ou escrito, seus elementos podem sofrer mobilidade, em geral, por questões de estilo. Nesse sentido, parece haver uma discrepância em relação ao subprincípio da ordenação linear, já que o falante escolhe o elemento que considera mais importante no enunciado. De acordo com Furtado da Cunha, *et alii* (2003),

há nas línguas uma tendência geral, para que esses três critérios de marcação coincidam. Admite-se que a correlação entre marcação estrutural, marcação cognitiva e baixa frequência de ocorrência é o reflexo mais geral da iconicidade na gramática, dado que representa o isomorfismo entre correlatos formais (de natureza comunicativa e cognitiva) e correlatos substantivos (de natureza comunicativa e cognitiva) e correlatos de marcação. Assim, as categorias, que são estruturalmente

mais marcadas tendem também a ser substantivamente mais marcadas (FURTADO DA CUNHA, *et alii*, 2003, p. 34).

3.3 Marcação com relação aos complementos-locativos

Observa-se que em Dar um chute *na cara da Gilda* (1); dar um pulo *na cama/do sofá* (3), em que os complementos-locativos que veiculam sentido denotativo são semanticamente compatíveis com o nome, são formas não marcadas no discurso.

De modo diferente, os complementos-locativos das estruturas: Dê um chute *nas drogas* (2), equivale ao significado de *deixar* o uso das drogas; Dar um pulo *na Martu* (4), denota um sentido de *ir rapidamente*, em que não é possível a paráfrase *pular na Martu*; “dar uma engordada *no saldo bancário/no currículo*”, em (5) e (6), equivalem a *acrescentar*. Nas construções “dar uma enxugada *no chuveiro/no desperdício*”, em (7) e (8), veiculam o sentido de *fazer economias*. Assim, os locativos referidos trazem contribuição de sentido figurado para essas estruturas no âmbito do discurso, diferente de suas acepções básicas. Desse modo, a bifurcação entre o sentido primário e figurado ocorre a partir da natureza dos complementos. Se, às construções citadas em (7) e (8), fossem empregados os complementos “no corpo” ou “na louça”, não teriam o efeito semântico-discursivo conforme explicitados.

As estruturas (2, 4, 5, 6, 7 e 8) veiculam sentido conotativo. Tal diferença deve-se à importância da natureza dos seus complementos locativos que pertencem a campos semânticos diferentes dos nomes que os antecedem. Assim, o “desvio” do emprego desses complementos parece determinante para que uma estrutura adquira um efeito de sentido conotativo, e ser considerada marcada e não marcada linguisticamente pela sua complexidade cognitiva.

Cumprir lembrar que o verbo *dar*, devido ao seu caráter multifuncional se realiza em certos contextos linguísticos como um item lexical com um deslizamento de sentido. Ao se associar a um nome (ou variações) e formar um Item Lexical Complexo, para exprimir um único sentido, muitas mudanças podem ser operadas. Mudanças essas em que o item diminui ou perde seu sentido original, passando por um processo de ressemantização parcial ou total, que o encaminha para outros sentidos, a depender das condições contextuais.

4. Considerações finais

Este trabalho teve como proposta analisar algumas estruturas com verbo-suporte *Dar+SN e Dar+uma X-ada*, de acordo com os princípios funcionalistas, da iconicidade e da marcação (GIVÓN, 1995), observando a importância do emprego dos artigos (indefinidos, definidos) e sua ausência, tendo como parâmetro o princípio da complexidade estrutural.

Pôde-se verificar que, de acordo com alguns princípios, uma mesma estrutura pode ser marcada em um contexto e não marcada em outro, mostrando que as situações interacionais são relevantes para que sejam adotados determinados critérios da iconicidade e da marcação. O critério da complexidade cognitiva mostrou-se importante para a consideração das estruturas com sentido conotativo como formas marcadas linguisticamente, por demandar mais atenção e tempo de processamento. Do ponto de vista semântico e discursivo, o emprego de certos complementos pode determinar um sentido denotativo ou conotativo no enunciado.

Conforme a leitura de alguns trabalhos, citados no decorrer deste estudo, outro fator constatado foi a importância de se observar a questão binária na análise da

marcação, pois os subprincípios delineados, muitas vezes, não são compatíveis entre si para analisar certas estruturas, devido à fluidez das categorias, que dependem de situações contextuais e interacionais em que são empregadas.

Referências bibliográficas

BASÍLIO, Margarida. *Teoria lexical*. São Paulo: Ática, 2002.

_____. *Formação e classes de palavras no português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004.

COSTA, Marcos Antonio. *Procedimentos de manifestação do sujeito*. Uma análise funcionalista. Dissertação de Mestrado – UFRN. Natal: 1995.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. Gramaticalização dos mecanismos de negação em Natal. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo; VOTRE, Sebastião Josué; CEZÁRIO, Maria Maura (orgs.). *Gramaticalização no português do Brasil*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; COSTA, Marcos Antônio; CEZÁRIO, Maria Maura. Pressupostos teóricos fundamentais. In: FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; OLIVEIRA, Mariângela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo (orgs.). *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 29-55.

GIVÓN, Talmy. *Functionalism and grammar*. Amsterdã: John Benjamins, 1995.

LYONS, Sir John. *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977. v. 2.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Unidirecionalidade da gramaticalização*. UFRJ: 2008, mimeo.

NEVES, Maria Helena de Moura. A delimitação das unidades lexicais: o caso das construções com verbos-suporte. In: BASÍLIO, M. *A delimitação das unidades lexicais*. Rio de Janeiro: Grypho, 1999, p. 98-114.

_____. NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

OLIVEIRA, Mariângela Rios de. Iconicidade e produtividade dos processos de repetição. *Anais do II Congresso Nacional da ABRALIN*, UFSC, Santa Catarina: 2000.

Notas

As referências a seguir foram extraídas da internet e, por isso, mencionadas em separado, e estão disponíveis nas fontes abaixo, todas acessadas em: 22 fev. 2011.

1. <http://www.cella.com.br/blog/?p=9953>.
2. <http://portal.pps.org.br/portal/showData/182454>
3. <http://girlsofwar.wordpress.com/2009/03/17/de-um-pulo-do-sofa/>.
4. http://www.radar55.com/noticia/rio_de_janeiro/moda/anote_na_agenda/3059.html
5. <http://www.oilondres.com.br/trabalho/vagasnatal/index.htm>.
6. <http://www.gfsolucoes.net/gustavo/off-topic/cursos/cursos-gratis-microsoft-e-learning/>
7. <http://www.canalkids.com.br/meioambiente/cuidandodoplaneta/dicas.html>
8. <http://portal.pps.org.br/portal/showData/182454>
9. <http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20070416073933AAjDBTC>
10. <http://www.corpoperfeito.com.br/ce/Corrida>